



CARTA
INTERNACIONAL

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 2526-9038

A Homossexualidade Masculina na Namíbia: reflexões a partir da história da sexualidade na era (pré-)colonial

*Male Homosexuality in Namibia:
reflections from the history of sexuality
in the (pre-)colonial era*

*La homosexualidad masculina en
Namibia: reflexiones desde la historia
de la sexualidad en la era (pre)colonial*

DOI: 10.21530/ci.v19n2.2024.1427

Letícia Sanches Rezende¹

Thaís Vieira²

Bárbara Lopes Campos³

Copyright:

• This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.

• Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.



Resumo

Este artigo analisou as relações homossexuais masculinas na Namíbia pré-colonial, investigando como a homossexualidade era vivenciada no período pré-intrusão e sua evolução histórica, incluindo o debate sobre a vigente “Lei da Sodomia”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada em análise bibliográfica e

1 Graduada em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. (leticiasanchesr@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8050-1433>. Código de Financiamento PIBIC FAPEMIG 2022/28000

2 Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Federal de Goiás. (thaisvieirari@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9524-4141>. Código de Financiamento Capes 001.

3 Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (DCP/UFMG). Professora de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Campus Poços de Caldas (PUC Minas/PPC). (barbara.angove@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6192-7825>.

Artigo submetido em 14/06/2024 e aprovado em 25/11/2024.





documental crítica, utilizando a metodologia *queer* de relações internacionais para explorar a homossexualidade como um processo histórico. Conclui-se que as concepções de gênero e sexualidade dos povos pré-coloniais da região diferiam significativamente dos entendimentos ocidentais contemporâneos. Destacam-se os relatos dos Ovambo sobre o *omashengi*, que desafia a heteronormatividade, mas reflete hierarquias sociais do período pré-colonial.

Palavras-chave: Homossexualidade na Namíbia; Criminalização da Homossexualidade; Lei da Sodomia; Raça e Heterossexualidade; Teoria Queer de Relações Internacionais.

Abstract

This article analyzed male homosexual relationships in pre-colonial Namibia, investigating how homosexuality was experienced during the pre-intrusion period and its historical evolution, including the debate on the current “Sodomy Law.” It is a qualitative study based on bibliographic and critical documental analysis, employing queer international relations methodology to explore homosexuality as a historical process. The study concludes that the concepts of gender and sexuality among the pre-colonial peoples of the region differed significantly from contemporary Western understandings. Notably, the accounts of the Ovambo regarding *omashengi* challenge heteronormativity while reflecting social hierarchies of the pre-colonial period.

Keywords: Homosexuality in Namibia; Criminalization of homosexuality; Sodomy Law; Race and heterosexuality; Queer Theory of International Relations.

Resumen

Este artículo analizó las relaciones homosexuales masculinas en la Namibia precolonial, investigando cómo se vivía la homosexualidad durante el período preintrusión y su evolución histórica, incluyendo el debate sobre la vigente “Ley de Sodomía”. Se trata de una investigación cualitativa basada en el análisis bibliográfico y documental crítico, utilizando la metodología *queer* de las relaciones internacionales para explorar la homosexualidad como un proceso histórico. Se concluye que las concepciones de género y sexualidad de los pueblos precoloniales de la región diferían significativamente de los entendimientos occidentales contemporáneos. Destacan los relatos de los Ovambo sobre el *omashengi*, que desafiaba la heteronormatividad pero refleja jerarquías sociales del período precolonial.

Palabras clave: homosexualidad en Namibia; criminalización de la homosexualidad; ley de sodomía; raza y heterossexualidad; Teoría Queer de las Relaciones Internacionales.





Introdução

A colonização e o imperialismo europeu redefiniram as compreensões de gênero e sexualidade nos territórios dominados. As categorias de gênero e sexualidade foram instrumentos tão essenciais para a construção dos impérios europeus quanto classe e raça, sendo intimamente relacionadas ao controle exercido pela autoridade colonizadora. Seu emprego se configurou como um modo de regular as relações sociais e de produção, além de impor e manter uma ordem religiosa e cultural. O processo de colonização, nesse sentido, impôs sexualidades divergentes daquelas previamente existentes (Rao 2012; Joeden-Fogey 2021).

Na Namíbia, o processo de colonização foi complexo e fragmentado, marcado pela atuação de vários Estados sobre este território, compondo um quadro multifacetado de influências, violências e intervenções (Pini 2014). Nesse contexto, a dominação europeia deixou marcas culturais e sociais em territórios ex-colônias, incluindo ideais de gênero e sexualidade em sua expressão binária e heteronormativa. Assim, podemos entender que o significado construído em torno de sexualidade e gênero são parte de um longo processo sócio-histórico, interpelado pela perspectiva ocidental europeia dos colonizadores.

Maria Lugones (2007) advoga que a heterossexualidade advém das construções coloniais, numa política heterossexista em que raça e gênero se encontram e formam um novo aparato opressor, em que gênero passa a ser percebido a partir de uma lógica racializada. Ao novo aparato de violência, a autora denominou sistema colonial/moderno de gênero. Este sistema sufoca os sentidos presentes na existência social do mundo pré-intrusão e insere uma nova percepção binária a qual estão subordinados aqueles que são vistos apenas através de sua raça. Assim, esse sistema sustentou as relações coloniais e permaneceu mesmo após o fim da colonização.

Na contemporaneidade, a sociedade namibiana está passando por um grande debate acerca da homossexualidade em fóruns públicos, privados e pela mobilização civil. Esta discussão se insere no contexto de criminalização das relações sexuais entre homens no país. Popularmente reconhecida como “Lei da Sodomia”, este aparato jurídico do sistema de *common law* do Estado namibiano designa esta prática como “ofensa sexual não-natural” (Law Reform and Development Commission 2020). A Lei da Sodomia somente se aplica a relações sexuais entre pessoas do sexo masculino, excluindo as punições para eventuais





relações entre pessoas do sexo feminino. Levando em consideração a condenação da homossexualidade masculina e da prática sexual entre homens na Namíbia, este artigo direciona sua análise para a compreensão desse fenômeno a partir da influência da colonização.

É relevante destacar as falas do ex-presidente Sam Nujoma, que posicionava a homossexualidade como uma importação ocidental, intrinsecamente inafriicana e uma forma de neocolonialismo. Enquanto isso, o movimento de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais e *queer* (LGBTQ+) namibiano busca resgatar as expressões dissidentes de gênero e sexualidade na história pré-colonial. Essa tentativa procura legitimar historicamente a existência, em solo africano, da homossexualidade, da bissexualidade, da transexualidade, dentre outras formas de expressões de gênero e sexualidade (Lorway 2014). Neste sentido, torna-se perceptível, a contradição do discurso político que utiliza amplamente dos conceitos de colonização e descolonização para legitimar a “Lei da Sodomia”.

Dessa maneira, este artigo busca compreender como se dava, como era percebida e vivenciada a homossexualidade na Namíbia pré-colonial. Para isso, será realizada uma revisão bibliográfica, fazendo uso de uma leitura crítica de documentos, sobre a estrutura legal e social da sociedade pré-colonial. Também são utilizadas fontes como relatórios missionários, documentos legais e publicações de organizações não-governamentais e intergovernamentais. Estes documentos são analisados a partir da metodologia *queer* das Relações Internacionais proposta por Weber (2016), na qual se busca compreender a representação da homossexualidade enquanto processo histórico, considerando a mutabilidade e subjetividade das categorizações sociais do que é “normal” e “perverso”, analisando os processos de construção e desconstrução das instituições do Estado-nação de acordo com as normas sexuais.

O artigo foi organizado em três seções: primeiramente, uma breve descrição da história da Namíbia, destacando-se os principais grupos étnicos e os diferentes momentos de colonização. Em segundo lugar, apresentam-se os principais documentos históricos e publicações que abordam a temática da homossexualidade masculina neste contexto. Por último, são discutidas as implicações e interpretações destes relatos explorando uma perspectiva *queer* de desnaturalização das categorias de hetero e homossexualidade. Como conclusão, foi possível observar que, não possuindo as práticas sexuais um sentido fixo, os entendimentos sobre gênero e sexualidade entre os povos que habitavam a região da Namíbia na época pré-colonial eram inequivocamente diferentes





dos entendimentos ocidentais contemporâneos. Os relatos acerca dos Ovambo, particularmente, se revelam especialmente relevantes, principalmente em relação ao *omashengi*, já que, ao mesmo tempo em que flexibilizam a fixidez binária e heteronormativa, parecem carregar outras nuances tradicionais relacionadas a hierarquias sociais no período pré-colonial.

Um breve relato da história colonial da Namíbia

A colonização europeia da Namíbia teve significativos impactos para a região, tanto economicamente, quanto nos planos geográfico, social, cultural, religioso, entre outros. Novas construções e modelos de organização social, ideologias, tecnologias e códigos morais foram introduzidos – ou muitas vezes impostos – com o processo de colonização (LaFont 2007). As interações entre a população colona e indígena criaram novos paradigmas, inclusive em relação a questões de sexualidade e gênero.

As dinâmicas de poder colonial, atravessadas por dimensões de gênero, foram se estabelecendo e impactando a sociedade namibiana. Becker (2007) afirma que no período anterior à colonização europeia, muitas mulheres na Namíbia ocupavam altas posições de poder e de liderança a nível político decisório. No entanto, essas posições não teriam sido reconhecidas pelas novas administrações coloniais, que passaram a favorecer a patriarcalidade, embasada no modelo ocidental. Diante da reconfiguração das relações de poder e de gênero, os homens passaram a ser vistos como os únicos detentores de autoridade familiar, comunitária e política.

Além disso, Becker (2007) destaca o impacto provocado por administradores coloniais e missionários cristãos, que impuseram uma moralidade, e arcabouço legal, que negava às mulheres o direito à terra, ao voto, e à liberdade para firmar contratos sem a tutela de pais ou maridos. De forma complementar, Talavera (2007), ao desconstruir uma visão estereotipada sobre a pseudo assexualidade de crianças na Namíbia, demonstra como a história colonial e as influências da moral cristã contribuíram para a formação de uma narrativa que fomentou a repressão sexual ao longo de décadas.

Assim, ao comparar a construção de gênero antes, durante, e após o período colonial, Becker (2020) observa que anteriormente à colonização, as relações de gênero na Namíbia envolviam papéis definidos para homens e mulheres nas esferas social e econômica, principalmente baseados em normas culturais e





tradições locais. A partir principalmente da dominação alemã, com a imposição de normas de gênero europeias, alterou-se significativamente as dinâmicas locais e as mulheres foram frequentemente relegadas a papéis domésticos, enquanto os homens eram integrados em trabalhos forçados e outras atividades de exploração econômica.

Antes de explorar mais a fundo essas heranças coloniais, a nível de uma maior contextualização histórica, e também étnico-racial, sabe-se atualmente que as primeiras evidências de ocupação humana no território que hoje se compreende como Namíbia remontam ao Pleistoceno superior. (Wallace 2011). Dentre os grupos étnicos autóctones da Namíbia destacam-se Ovambo, Damara, Nama⁴, Herero, Kavango, San, Himba, Basubia e Mafwe⁵ (Growup 2023; Haan 2005). No entanto, segundo Gargallo (2010), as identidades étnicas atuais resultam tanto das culturas pré-coloniais quanto das transformações ocorridas durante a colonização. Hoje, 49,8% dos namibianos se identificam como Ovambo, enquanto Herero (7,5%), Damara (7,5%) e Nama (4,8%) representam minorias. A população branca e de “*coloureds*”⁶ compõe aproximadamente 4,4% e 4,1% da população, respectivamente (Stell 2014).

O primeiro contato europeu com a Namíbia ocorreu em 1484, quando o navegador português Diogo Cão desembarcou brevemente em Walvis Bay, seguindo depois para Angola sem interagir com as populações locais. Na década de 1520, a coroa portuguesa incentivou a exploração da região, mas sem ações concretas (Erichsen e Olusoga 2010). O primeiro encontro registrado entre europeus e povos namibianos se deu no século XVII, com expedições holandesas a partir do Cabo da Boa Esperança. Os navegadores holandeses registraram o encontro com uma comunidade autóctone, que teria reagido agressivamente à sua aproximação. Em 1793, os holandeses declararam posse das regiões de Walvis Bay e Lüderitz, mas perderam a área para os britânicos três anos depois, em 1796 (Hartmann 2006).

De novembro de 1884 a fevereiro de 1885, ocorreu a Conferência de Berlim, que concedeu à Alemanha a região do “Sudoeste Africano” ou “África do Sudoeste”, nome pelo qual era conhecida a atual Namíbia. A região de Walvis Bay, todavia,

4 Os Nama e Damara, são pertencentes ao mesmo grupo linguístico, sendo frequentemente agrupados por antropólogos e historiadores e chamados de Khoikhoi.

5 Os Basunga e Mafwe habitam a região de Faixa do Caprivi, sendo frequentemente agrupados por antropólogos e historiadores e chamados de “Povos do Caprivi”.

6 O termo “*coloured*” é utilizado na Namíbia para se referir às pessoas que possuem ascendência europeia e africana.





foi concedida à Coroa Britânica. A ocupação ativa da Namíbia por civis alemães só se deu a partir de 1906, mais de 20 anos após seu estabelecimento como colônia alemã. Anterior a 1906, a maior parte dos europeus que habitaram a área eram membros de sociedades missionárias, além de soldados alemães (Idowu 2000; Berat 1993). Em 1903, a população total de alemães na colônia era de 4.674 (Palmer (2000) citado em Madley 2005).

A empreitada colonial alemã, durante este período, consistia, principalmente, em uma tentativa de subjugar as populações nativas, que combinou tratados de proteção e uma política de dividir e conquistar, ou seja, colocando os grupos indígenas uns contra os outros para garantir a dominação colonial (Harris 2014). O governador colonial do período, Theodor Leutwein, planejava que as terras ocupadas pelos Herero e pelos Nama fossem apropriadas pelos colonos e transformadas em fazendas, e a população namibiana servisse como mão-de-obra (Kössler e Melber 2004).

Entre 1904 e 1908, ocorreu o mais infame episódio da colonização alemã na Namíbia, conhecido como Genocídio Nama-Herero. É estimado que tenham sido mortos, neste conflito, 70 mil Herero – correspondendo a 80% de sua população – e 10 mil Nama – 50% de sua população (Correa 2011). Em janeiro de 1904, os Herero e os Nama se rebelaram contra a colonização alemã, matando 100 homens alemães da área de Okahandja. A rebelião foi motivada pelo apossamento de terras pertencentes a estes grupos pelos alemães pelo acúmulo de dívidas, cobradas com altos juros; a promoção do privilégio e discriminação racial imposta pelos alemães; e a chegada de contingentes cada vez maiores de colonos (Harris 2014; Reader 1998). Os alemães responderam com um aumento das forças militares no país e uma ordem de extermínio dos Herero. A guerra se espalhou para os territórios do sul, atingindo os Nama. Os Herero e Nama que haviam sobrevivido às práticas genocidas, majoritariamente crianças e mulheres, foram encarcerados em campos de trabalho forçado pelos alemães. Oficialmente, a guerra teve seu fim em março de 1907, porém, os prisioneiros Hereros foram libertos somente em 1908, enquanto os prisioneiros Nama só foram soltos com o fim da dominação alemã (Kössler e Melber 2004).

O povoamento da colônia aconteceu em um ritmo intensificado após a supressão das rebeliões, sendo a maioria dos novos habitantes ex-soldados alemães. Em 1913, havia cerca de 14.830 colonos brancos na Namíbia (Weigend 1985). No entanto, o domínio alemão foi interrompido pela Primeira Guerra Mundial, quando forças sul-africanas, sob comando britânico, tomaram a colônia





em 1915. (Correa 2011; Dederling 2009). Após a captura de Windhoek, a Namíbia passou a ser controlada pela África do Sul, que inicialmente impôs lei marcial. Já em 1920, a Namíbia foi colocada em um regime de tutela internacional pela Liga das Nações, sendo sua administração oficialmente concedida à África do Sul (Katjavivi 1990; Kalbing 2014).

A partir de 1925, as políticas de segregação racial tiveram início na Namíbia, apesar de o regime oficial do apartheid somente ter sido proclamado em 1948. O domínio sul-africano se caracterizava como extremamente rígido e violento com as populações indígenas, com um projeto de dominação branca e utilização da mão-de-obra negra para extração de recursos e trabalho braçal (Wallace 2011).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a tutela da África do Sul sobre a Namíbia foi contestada pela Organização das Nações Unidas, que rejeitou o pedido sul-africano de anexação do território. Porém, na prática, o regime sul-africano continuou em vigor. Em 1971, o Tribunal Internacional de Justiça declarou a ocupação sul-africana da Namíbia era ilegal e que o país deveria se retirar (Wallace 2011). No entanto, foi somente em 1988 que a independência da Namíbia foi oficialmente concedida, com a assinatura do Protocolo de Brazzaville. Sam Nujoma tomou posse como presidente da Namíbia, e a independência foi oficialmente declarada em 21 de março de 1990 (Wallace 2011). 106 anos após a colonização alemã e 75 após a anexação pela África do Sul, a Namíbia se tornou um Estado soberano e independente.

A homossexualidade masculina no período (pré-)colonial

Parte do campo de Relações Internacionais tem se aproximado das discussões que se preocupam com os estudos das Homo/Lesbo/Inter/Transexualidades em países da África e de outros contextos pré- e pós- coloniais. Miguel (2019), ao realizar um estudo sobre o caso de Moçambique, estabeleceu bases de interpretação em torno das instituições sociais que moldam e legitimam as identidades e práticas homossexuais, assim com a construção acerca da memória e das experiências de indivíduos e grupos. Ao se lançar na pesquisa guiada pela profundidade histórica e etnográfica, a tese destaca a diversidade e complexidade das identidades de gênero e práticas sexuais entre as classes populares do sul do país, demonstrando como as experiências concretas ultrapassam expectativas e modelos teóricos tradicionais. De forma alinhada com o objetivo de novos estudos de gênero e





sexualidade, que priorizam a autonomia dos sujeitos em relação às narrativas que “fixam” identidades como exóticas ou primitivas (Miguel, 2019), o interesse no caso da Namíbia busca contribuir para essa agenda de pesquisa, elucidando suas nuances contextualizadas.

Em especial sobre o estudo da homossexualidade aplicado ao contexto (pré-) colonial na Namíbia, a tarefa de encontrar dados sobre a vida sexual durante a era pré-colonial é árdua. Alguns fatores em especial dificultam este processo: primeiramente, uma coleta de dados sistemática sobre gênero e sexualidade na Namíbia somente começou a ocorrer após a independência do país. Em segundo lugar, as diferenças entre os grupos étnicos fazem com que seja impossível definir um único sistema namibiano de práticas sexuais, o que impede, ainda, o uso de generalizações tão presentes no ideário ocidental (LaFont 2007).

Em adição, Murray e Roscoe (1998) fazem considerações sobre a leitura de documentos antropológicos produzidos por europeus acerca dos diferentes povos que habitam a Namíbia: apesar destas serem as principais fontes que sobreviveram sobre o assunto, elas podem ser tendenciosas, além de requererem uma leitura atenta para identificar os vieses por meio das quais os dados etnográficos estão representados. Murray e Roscoe destacam que esses relatos são influenciados tanto pelas crenças eurocêntricas dos autores, quanto pelo fato de que estes estudos eram muitas vezes pagos pelo governo de países europeus que condenavam a homossexualidade, sendo os relatórios feitos sob medida para seus financiadores. Apesar destas restrições, existem pesquisadores que conseguiram iluminar, mesmo que parcialmente, algumas das questões acerca da sexualidade na Namíbia pré-colonial.

Um dos primeiros registros escritos acerca de práticas homossexuais de grupos étnicos namibianos é do alemão Peter Kolb, que escreveu o livro “*Caput bonae spei hodiernum*”, publicado em 1719. A obra descreve extensamente sua viagem para o sul da África que ocorreu entre 1702 e 1714, incluindo os encontros de Kolb com os Khoikhoi (Raum 1997). Ao descrever a vida sexual deste grupo, o autor aponta para a existência de relações sexuais entre homens, e utiliza especificamente o termo “sodomia” em seus escritos. A palavra “*koetsire*”, de acordo com Kolb, era utilizada para designar o receptor da penetração no sexo entre homens (Kolb 1719 citado em Murray e Roscoe 1998; Kolb 1719 citado em Bleys 1995).

Adicionando aos escritos de Kolb, somente no século XX é possível encontrar mais relatos acerca da homossexualidade masculina nas sociedades Khoikhoi.





Uma das principais vozes que relatam sobre a sexualidade deste grupo é Kurt Falk, um autodenominado sexólogo nascido na Prússia, que morou na então África do Sudoeste de 1914 a 1922 (Murray e Roscoe 1998). Escrevendo durante o fim da colonização alemã e o início da dominação sul-africana, entre 1925 e 1926, Falk (Murray e Roscoe 1998) cita a prática do *soregus*. Este termo já havia sido mencionado por Leonhard Schultze (1907), que o descreve como uma ligação extremamente profunda de amizade, companheirismo e ajuda mútua. Segundo Schultze, esse vínculo é formado por meio de uma prática específica: um indivíduo oferece uma bebida ao outro, acompanhado da fala “*ū soreb?*” ou “*sore||gams*”, que significa “isto é água-*sore*”⁷ (Schultze 1907, 319, tradução nossa). Ao aceitar a água, o *soregus* estaria formado. Falk faz referência a este trecho de Schultze, porém adiciona que em sua experiência com os Khoikhoi, o *soregus* também pode ser uma relação sexual, especificamente, entre dois homens. Ele relata algumas diferenças, no entanto: é mais comum oferecer café neste caso, apesar de água ser possível em casos de necessidade, e as palavras usadas são diferentes: “*Sore-gamsa are*” ou “*Sore-gamsa ure*”, que podem ser traduzidas como “beba já a água-*sore*” ou “pegue já a água-*sore*” (Murray e Roscoe 1998). Novamente, em caso de aceite da bebida, a proposição era considerada aceita.

Falk esclarece ainda que estas relações sexuais consistiam, em geral, na masturbação mútua, sendo a penetração anal no sexo homossexual algo que não era comumente praticado. De acordo com ele,

Se alguém convidar um hotentote⁸ para uma relação homossexual, ele provavelmente irá recusá-la a princípio porque pensa especificamente em penetração anal. Quando se esclarece que se quer dizer somente masturbação mútua, ele quase sempre consente de bom grado com as palavras: “Sim, nós nativos sabemos disso também – todos nós fazemos isso!”⁹ (Murray e Roscoe 1998, 189, tradução nossa).

Enquanto Kolb nos dá pouca clareza acerca da percepção pública da homossexualidade masculina, o relato de Falk sugere uma normalização destas relações. É relevante destacar novamente que Falk já escrevia em um período

7 *Das ist Sorewasser.*

8 Terminologia pejorativa da época colonial para se referir aos Khoikhoi.

9 *If one invites a Hottentot to homosexual intercourse, he will likely refuse it at first because he thinks specifically of podication. When one clarifies that only mutual onanism is meant, he nearly always willingly consents with the words: “Yes we natives know that as well—we all do it!”*





no qual a Alemanha já ocupava efetivamente a Namíbia, e mais de cem anos depois das primeiras expedições missionárias na África Austral.

Além dos Khoikhoi, Falk destaca as práticas acerca da sexualidade de outra etnia: os Herero. O autor menciona dois termos que se referem à homossexualidade entre os Herero: *oupanga*, *epanga* e *okutunduka vanena*. O primeiro deles seria o nome dado para “amizades eróticas”¹⁰ (Murray e Roscoe 1998, 186, tradução nossa), e *epanga* a maneira de se referir a um “amante”¹¹ (Murray e Roscoe 1998, 186, tradução nossa). O terceiro pode ser traduzido literalmente como “[aquele que] monta meninos”¹² (Murray e Roscoe 1998, 191, tradução nossa). Falk evidencia a existência de uma distinção entre uma amizade erótica e não-erótica, chamada de *omukuetu*.

Segundo Falk, as relações homossexuais masculinas entre os Herero envolviam ambos sexo anal e masturbação mútua. Ademais, o autor indica que estas relações eram exclusivas (Murray e Roscoe 1998). Após a puberdade, estes mesmos homens passavam a se envolver em relações sexuais heterossexuais e também se casavam com mulheres. No entanto, mesmo após o casamento as relações de *oupanga* podiam continuar, existindo uma contrariedade nesta ideia de exclusividade previamente mencionada. Falk relata que, nas viagens de carro de boi através do território, chamadas de Pad, nas quais os homens não podiam levar suas esposas, era comum que este as fizesse juntamente com seu *epanga*., sendo comum a ocorrência relações sexuais entre os homens nesta viagem.

Aproximadamente uma década antes de Falk, o missionário Johann Irle já havia mencionado a existência da homossexualidade masculina entre os Herero, porém de forma menos explícita (Irle 1906). Ao descrever os Herero, o autor cita a passagem bíblica Romanos 1:18-31, que se refere ao pecado dos homens de se deitarem uns com os outros (Rm 1:18-31).

Tanto Falk quanto Kohler (citado em Karsch-Haack 1911) mencionam que não havia, entre os Herero, qualquer tipo de punição para relações homossexuais entre homens. No entanto, Falk diz que, ao questioná-los sobre relações homossexuais, eles diziam, inicialmente, que isto era um hábito infantil, que não era mais praticado quando adultos. Mas esta narrativa mudava, segundo o autor, após construir relações de amizade com os Herero e passar a se comunicar na língua

¹⁰ *erotic friendships*.

¹¹ *lover*.

¹² *mounts boys*.





local. Neste caso, eles admitiam que relações homossexuais entre homens eram “algo conhecido entre eles, praticado por todo homem adulto na falta de mulheres, sem ser dado a isso qualquer importância”¹³ (Murray e Roscoe 1998, 187, tradução nossa). Ao mesmo tempo, Falk descreve que o sexo é um tópico que não é discutido abertamente entre os Herero. Existe uma norma de decoro implícita de que não se deve falar sobre sexo em público, principalmente quando membros de outras gerações estão presentes. Assim, Falk conclui que a homossexualidade entre os Herero não é algo estigmatizado, desde que não ocorra de forma pública – assim como qualquer outra atividade sexual naquele contexto.

Sobre os Ovambo, os relatos sobre homossexualidade são confusos e muitas vezes contraditórios. Em 1903, o missionário finlandês Martti Rautanen publicou o artigo “*Die Ondonga*” que descrevia o reino de Ondonga, parte da etnia Ovambo, onde ele viveu entre 1873 e 1880. Rautanen (1903) cita a existência de pederastia¹⁴ e de *esenga* (no plural, *omashenge*), os quais ele descreve como homens que se vestiam de mulheres. Ambos os grupos eram odiados pela comunidade. Além disso, a maioria dos *esenga* eram também figuras xamânicas, chamados de *oonganga*.

Já Falk retoma os *omashenge*¹⁵, porém diz que eles não só vestem roupas femininas como também realizam trabalhos tradicionalmente femininos. Além disso, diz que *omashenge* realizam sexo anal com outros homens, no papel passivo, em troca de dinheiro; um serviço altamente requisitado, segundo seu relato. Assim como Rautanen, Falk menciona que existe uma certa aversão em relação aos *omashenge*: “no entanto, nem todo chefe Ovambo permitirá os *ovashengi* mencionados em sua região. Assim, o chefe Ovambo Epumbo abate, com suas próprias mãos e com seu *Browning* [rifle], todo *eshengi* que ele encontra em sua tribo”¹⁶ (Murray e Roscoe 1998, 185, tradução nossa).

Para mais, Falk também menciona novamente a questão da pederastia citada por Rautanen. Segundo ele, eram comuns as relações sexuais entre os mineiros de diamantes adultos de Lüderitzbucht e meninos de 10 a 12 anos empregados

13 *A well-known thing among them, practiced by every adult man in the absence of women, without it being given any importance.*

14 Relações sexuais entre homens adultos e meninos mais jovens.

15 Falk escreve *eshengi* ao invés de *esenga* e *ovashengi* ao invés de *omashenge*.

16 *However, not every Ovambo chief will permit the above-mentioned ovashengi in his region. The Ovambo chief Epumbo will shoot down by his own hand with his Browning every eshengi that he meets in his tribe.*





nas cozinhas daquelas minas chamados de *kitchen boys*. Falk especifica que os *kitchen boys* geralmente têm o papel de passivos durante o sexo anal, e muitas vezes são “dados para estes jovens homens [mineiros] pelas suas esposas ou prometidas para ‘manter os homens fiéis’”¹⁷ (Murray e Roscoe 1998, 184, tradução nossa). Falk adiciona que relações homossexuais podem ser atribuídas a um “costume tribal” entre os Ovambo. O autor estima que quase todos os Ovambo já haviam praticado sexo homossexual.

Carlos Estermann (citado em Murray, n.d.), um missionário católico, também descreveu práticas homossexuais entre os Ovambo, em seus relatos publicados entre 1956 e 1961. No entanto, ele estava baseado na região que corresponde à Angola. De qualquer maneira, visto que as divisões dos territórios não respeitam a divisão étnica, cabe citar aqui as observações de Estermann. Quando o autor se refere aos *omashenge*, afirma que eles estariam, de acordo com as crenças dos Ovambo, possuídos por um espírito feminino desde a infância. Além do papel sexual passivo, estes poderiam também se casar com homens, mesmo que estes já tivessem esposas. No entanto, Estermann (citado em Conner e Sparks 2004) adiciona que os *omashenge* também possuem uma função espiritual, podendo se tornar *kimbandas*, que realizam tarefas espirituais/religiosas que envolvem cura com ervas, performar sacrifícios, divinação e outros tipos de magia. Somente *omashenge* e mulheres podiam realizar o papel de *kimbandas*.

Alguns relatos de outros autores trazem mais informações a respeito dos indivíduos reconhecidos como *omashenge*. Loeb (1948) afirma que estes adotavam nomes femininos; importa ressaltar que sua pesquisa foi feita especificamente com a comunidade Kuanyama, parte da etnia Ovambo. O autor destaca a importância dos *omashenge* na medicina, dizendo que todos eles distribuem ervas medicinais e carregam cestas destas ervas, além de serem prevalentes nos rituais de iniciação e educação dos médicos. Loeb (1955) menciona que o instrumento musical *ekola* é tocado nas iniciações dos médicos pelos *omashenge*. Kirby (1942) contextualiza o instrumento musical afirmando que somente homens homossexuais e médicos poderiam tanger o instrumento. É relevante destacar que sua pesquisa foi feita com o grupo Ukuanyama dos Ovambo. Ele descreve:

Ele [*ekola*] é essencialmente conectado à sodomia – e é tocado em primeira instância pelos médicos, que encorajam sua prática [...]. Em segundo lugar, é tocado pelo próprio sodomita. Quando um homem Ukuanyama se torna

17 *Are given to the young men usually by their wives or betrothed “to keep the men faithful”.*





vítima desta prática, ele deixa suas armas, seu arco, suas flechas e seu *assegai* (marcas características da masculinidade) e toca o *ekola*. Ele não é mais visto como um homem, mas como um a quem Deus pretendia que fosse um homem, mas que é, afinal, somente “metade homem, metade mulher”¹⁸ (Kirby 2023 349, tradução nossa).

Porém, Kirby não menciona os termos *esenga*, *omashengi* ou *kimbanda*.

Sobre os San e Himba, foi possível encontrar somente breves referências em Falk. Segundo ele, alguns San relataram, após breve hesitação, que o sexo entre homens é praticado. No entanto, Falk compreende que isto ocorre somente quando não é possível haver relações sexuais com mulheres. Já sobre os Himba, o autor relata ter encontrado um homem homossexual que era, simultaneamente, um médico e um feiticeiro. Ele não enfrentava discriminação na sua comunidade, e uma interação descrita por Falk aparenta uma certa naturalidade na maneira com que os interlocutores tratam preferências sexuais: “quando perguntei se ele era casado, ele piscou para mim maliciosamente, e os outros nativos riram com gosto e depois me declararam que ele não ama mulheres, mas apenas homens”¹⁹ (Murray e Roscoe 1998, 185-186, tradução nossa). Em relação aos outros grupos étnicos principais que vivem no território namibiano (Kavango e Caprivi), não foram encontradas informações sobre práticas homossexuais tradicionais até a finalização da redação deste artigo.

Entre o pensamento eurocentrado e o homorromanticismo: reflexões acerca da herança colonial e a ressignificação dos sentidos de gênero e sexualidade

O processo de colonização complexo e fragmentado da Namíbia, principalmente pautado pela dominação europeia, deixou marcas culturais e sociais, inclusive na imposição de papéis binários de gênero e de sexualidades divergentes daquelas previamente existentes (Rao 2012; Joeden-Fogey 2021). As tradicionais relações

18 *It is essentially connected with sodomy, – and is played in the first instance by the medicine man, who encourages this practice [...]. In the second place it is played by the sodomite himself. When an Ukuanyama man falls a prey to this practice he discards his weapons, his bow, his arrows and his assegai (the distinguishing marks of manhood) and plays the ekola. He is no longer regarded as a man, but as one whom God has intended to be a man, but who is after all only ‘half men, half woman.’*

19 *When I asked him if he was married, he winked at me slyly, and the other natives laughed heartily and subsequently declared to me that he does not love women, but only men.*





de gênero e de expressão da sexualidade, não admitidas pelas administrações coloniais e pela moral cristã, foram pressionadas pela patriarcalidade ocidental e heteronormativa (Becker 2007, 2020).

A partir do resgate de relatos históricos sobre as práticas homossexuais dos grupos que viviam no território namibiano, uma série de ressalvas podem ser feitas sobre eles. Deve-se considerar que a grande maioria foi escrita após o início do período colonial e após o estabelecimento de missões religiosas, o que pode contaminar os dados devido às práticas religiosas pautadas nos ideais familiares patriarcais ocidentais. O contato com a mentalidade europeia e, principalmente, a tentativa de imposição da visão de mundo, valores e cosmologia europeia já haviam sido iniciados.

Com isto em mente, alguns questionamentos e inferências podem ser feitos com base nos relatos. Por exemplo: a hesitação em falar sobre homossexualidade por parte dos San e Herero, relatada por Falk (Murray e Roscoe 1998), pode se dar, possivelmente, por estes povos já possuírem o conhecimento de que este comportamento era malvisto e passível de punição entre os alemães? Ademais, os *kitchen boys* são um claro produto das circunstâncias coloniais, visto que as primeiras minas de diamante somente foram estabelecidas em Lüderitzbucht após 1908 (Jacob e Grobbelaar 2019).

Nesse sentido, vale também ressaltar que as práticas sexuais não são fixas no tempo. Existe uma tendência fortemente eurocêntrica de representar o continente africano e seus países como fixos no tempo, imutáveis. No entanto, esta não é a realidade: as sociedades que existiam imediatamente antes da colonização não foram sempre exatamente as mesmas; tradições, costumes, práticas e significados são mutáveis e evoluem ao longo dos anos. Assim, os relatos acima podem expor práticas milenares ou muito jovens; as palavras e significados apresentados podem ter sofrido transformações e não serem remotamente parecidas com aquelas dos séculos passados. As diferenças nos relatos de Kolb e Falk em relação à prática do sexo anal entre os Khoikhoi, por exemplo, podem não ser uma inconsistência ou uma contradição, mas simplesmente uma modificação deste costume que ocorreu durante os 200 anos de diferença entre os seus escritos.

A perspectiva eurocêntrica dos relatos também pode ser observada pela maneira como a população nativa é descrita. Irle (1906) afirma que os Herero são preguiçosos, ladrões e mentirosos. Falk entremeia seus próprios julgamentos morais nos seus relatos: ele descreve a questão dos *kitchen boys* como lastimáveis, além de categorizar as práticas homossexuais que encontrava como verdadeiras





ou pseudo-homossexuais²⁰ (Murray e Roscoe 1988). Estes julgamentos morais e eurocentrados se traduzem também na hiperssexualização dos corpos nativos. Em grande parte das narrativas apresentadas as pessoas indígenas são apresentadas como quase animais, não conseguindo controlar seus impulsos sexuais. Schultze (1907), por exemplo, caracteriza os Khoikhoi como sexualmente precoces; enquanto Irle (1906) diz que os Herero são completamente controlados pelo prazer sexual e afirma que as crianças, mesmo aos 10 anos de idade, são sexualmente descontroladas. Os relatos sobre homossexualidade escritos por estes autores estão localizados neste contexto colonial mais amplo, que defendia a existência de uma suposta degeneração sexual indígena. Cabe remeter aqui à Bhabha (1998) na tentativa de interpretar essas narrativas, já que a “fixidez”, crucial na construção do discurso colonial, assim como o uso de estereótipos, contrastam moral e ordem com desordem e degeneração, na observação e caracterização dos nativos. Nesse sentido, a ambivalência, na comparação entre a moral cristã e europeia e os “nativos hiperssexualizados” também comporiam a legitimação estratégica da dominação colonial.

Não obstante, é relevante citar aqui a ideia de homorromanticismo de Rao (2020), que denuncia a idealização do tempo pré-colonial como perfeitamente tolerante de sexualidades não-heterossexuais e o colonialismo como o único culpado pela homofobia existente hoje nos países africanos. Apesar de imperfeitos e parciais, os relatos apresentados indicam que ainda assim existiam hierarquizações baseadas em sexo, gênero e sexualidade, além de momentos de intolerância. Isto fica bem claro com o a discriminação em relação aos *omashenge* narrada por Falk e Rautanen, por exemplo. Os Herero também descrevem a homossexualidade como algo que é praticado na falta de mulheres, ou seja, considerado menos desejável que relações heterossexuais.

Por último, outra consideração interessante pode ser feita a partir dos escritos apresentados. A descrição dos *omashenge* apresenta alguns paralelos interessantes com o entendimento de identidades *queer* atualmente. Estes são descritos como possuídos por um espírito feminino, utilizando nomes, roupas e adotando profissões femininas e praticando funções espirituais (*kimbanda*) que

20 A ideia de um verdadeiro homossexual em oposição à pseudo-homossexualidade era defendida por alguns intelectuais alemães que tentavam reformar a lei que criminalizava a homossexualidade na Alemanha. Segundo eles, existiam os pseudo-homossexuais, que somente engajavam em atividades sexuais com outros homens por falta oportunidades de se envolver com mulheres, ou que o faziam por dinheiro. Já os verdadeiros homossexuais teriam nascido dessa maneira, portanto tentar proibir suas ações seria cruel e ineficaz.





eram atribuídas somente a *omashenge* e a mulheres. Apesar deste alinhamento com tudo aquilo considerado tradicionalmente feminino na cultura Ovambo, os *omashenge* são descritos por Falk, Estermann e os demais autores como homens afeminados e homossexuais (passivos), e não como mulheres. É possível assumir que esta descrição dos *omashenge* enquanto homens se dá mais pelas suas características físicas biológicas do que por uma identificação ou um papel social de gênero dentro das sociedades Ovambo.

Nesse sentido, pensando a partir das categorias contemporâneas de sexualidade e gênero, existe uma aproximação maior dos *omashenge* com identidades transgênero/transsexuais do que com identidades homossexuais. No entanto, identidades trans ainda não eram reconhecidas na Europa – o termo “*transvestite*” foi cunhado pelo sexólogo alemão Magnus Hirschfield somente em 1910 (Stryker 2008). A ausência de uma terminologia específica para identidades trans não implica que essas identidades inexistiam; apenas o conceito não havia se consolidado. Autores como Kolb, Falk e Schultze dispunham apenas dos termos “sodomita” ou “homossexual” para descrever diferentes expressões de gênero. No entanto, com lentes contemporâneas, parece inadequado categorizar os *omashenge* como homossexuais.

Esta reflexão sobre terminologias e pontos de vista que se diferem de acordo com localidade e temporalidade abre espaço também para o questionamento do termo “homossexual” e da homossexualidade enquanto categoria. De acordo com Foucault (1978), a homossexualidade é uma categoria performática de identidade criada no Ocidente a partir de 1870. Portanto, não seria anacrônico se referir à determinadas práticas sexuais na Namíbia pré-colonial como uma forma de “homossexualidade” e, portanto, àqueles que se subscrevem a estas práticas como “homossexuais”? Tamale (2011) remarca que o trabalho de pesquisa sobre homossexualidade(s) no continente africano precisa

lidar com a complexidade da representação, especialmente com a forma como as subjetividades e práticas não-ocidentais e pré-coloniais podem ser entendidas dentro da estrutura de conceitos, linguagens e convenções que assumem e priorizam a modernidade e os pressupostos ocidentocêntricos²¹ (Tamale 2011, 208, tradução nossa).

21 *Grapple with the trickiness of representation, especially with how non-Western and precolonial subjectivities and practices can be understood within the framework of concepts, languages and conventions that assume and prioritize modernity and Western-centric assumptions.*





Assim, as escolhas de linguagem e de enquadramento deste tema são integrais para pesquisa e precisam ser pensadas de forma cuidadosa. Negar essas diferenças de idealização, representação e performance torna a discussão desta temática rasa, incompleta e prioriza o público ocidental.

Considerações finais

Os entendimentos sobre sexualidade entre os povos que habitavam a região da Namíbia na época pré-colonial eram inequivocamente diferentes dos entendimentos ocidentais contemporâneos. Neste sentido, utilizar o termo “homossexual” talvez não seja a maneira mais adequada de nomear as práticas descritas acima, uma vez que tal palavra carrega uma conotação mais ampla do que somente homens que se relacionam de forma romântica e/ou sexual com outros homens, tendo um contexto social específico e invocando uma representação particular. De fato, a própria ideia de “homem” também pode ser problematizada aqui, pois o gênero, assim como a sexualidade, é uma categoria social contemporânea particular organizada em torno do entendimento da socialização familiar ocidental. Também não é possível afirmar que o papel social “homem” nas sociedades pré-coloniais da Namíbia era algo parecido com o entendimento contemporâneo, ou até mesmo existente. Com base em Butler (1997; 2003), gênero é um papel social compreendido, construído e performado nas condições próprias de tempo e espaço. Deslocando-se assim para o contexto da Namíbia pré-colonial, estas condições sociais mudam e, como consequência, a performance de gênero não se organiza da mesma maneira. A própria construção binária de gêneros assumida pela visão Ocidental contemporânea pode ser algo aplicado erroneamente ao estudar estas sociedades pré-coloniais.

Decerto, o uso de uma outra terminologia para identificar as práticas descritas neste artigo seja mais apropriada. O uso do termo *men who have sex with men* (traduzido como homens que fazem sexo com homens) tem ganhado popularidade – tanto em espaços acadêmicos, quanto no dia a dia da comunidade LGBTQ+ – como uma tentativa de abarcar identidades de diversos homens que são sexualmente atraídos por homens e que podem ou não se identificar como homossexuais. Este enquadramento pode ser útil para pensar possibilidades de linguagem para estas práticas sexuais pré-coloniais – apesar de a nomenclatura “homem” não ser a melhor designação para se utilizar nesse contexto. Uma alternativa que





pode descrever melhor o que foi abordado neste artigo é “pessoas que possuem genitais masculinas que tem relações sexuais com outras pessoas que possuem genitais masculinas”. Apesar de não ser tão sucinto como homossexualidade, pode ser que seja melhor sacrificar um pouco da sucintez para obter uma melhor precisão descritiva e evitar, o tanto quanto é possível, anacronismos.

Entretanto, ainda existem muitas perguntas sem resposta para a construção de uma história definitiva da homossexualidade na Namíbia, em especial no que concerne as interações coloniais. É necessária a amplificação de vozes nativas namibianas no meio acadêmico **queer**, o resgate de relatos históricos – tanto no que se refere à época pré-colonial quanto colonial – e uma maior coleta de dados no que se refere às atitudes em relação à homossexualidade masculina na contemporaneidade.

Apesar do longo caminho, um movimento para a recuperação da história LGBTQ+ da Namíbia – e do continente africano como um todo – já está sendo feito, em conjunção com um ativismo expressivo. Lorway (2014) e Currier (2011) apontam que ativistas namibianos e organizações não-governamentais pró-direitos LGBTQ+ buscam recuperar práticas, nomenclaturas e histórias de sexualidades dissidentes no período pré-colonial como forma de protesto. Isso se dá como forma de apontar a contradição no discurso de Nujoma (entre outros políticos) de que a homossexualidade seria um produto da colonização e, portanto, rejeitá-la seria sinônimo de descolonização. Pelo contrário, busca-se apontar que a criminalização da homossexualidade e a atual Lei da Sodomia foram um produto europeu. Essa recuperação histórica se mostra central no ativismo LGBTQ+ contemporâneo no país.

No entanto, deve-se destacar que a romantização da realidade pré-colonial como uma localidade e temporalidade na qual não existia qualquer resistência a relações românticas e sexuais entre homens é também uma distorção – como dito por Rao (2020), é cair na armadilha do homorromanticismo. Enquanto a “fixidez” binária e os estereótipos acerca dos “nativos hiperssexualizados” compõem uma estratégia narrativa de dominação colonial, o homorromanticismo pode acabar invisibilizando outras nuances significativas no estudo das relações de gênero e sexualidade no contexto pré- e pós- colonial. Os relatos acerca dos Ovambo, principalmente, mostram que havia um tratamento hierarquizado e diferenciado em relação ao *omashengi*, por exemplo, possivelmente já presentes no período pré-colonial. Percebe-se também que existiam atitudes negativas no que concerne às relações entre homens mesmo antes da chegada dos europeus,





sendo as visões dos grupos indígenas também uma parte integrante do panorama atual, apesar da tentativa dos colonizadores de suprimi-las.

Assim, a memória cultural e histórica se apresenta como elemento essencial para a melhoria das condições de vida e o acesso a direitos das minorias sexuais e de gênero da Namíbia. Esta, contudo, é uma tarefa árdua, visto que a tentativa de apagamento do movimento LGBTQ+ e das expressões indígenas de gênero e sexualidade na Namíbia contemporânea. Neste contexto, os esforços de preservação e reconstrução devem se atentar para a romantização de um passado pré-colonial idílico e totalmente igualitário, repelindo, ao mesmo tempo, as narrativas coloniais sobre sexualidade e gênero que permeiam a discussão.

Referências

- Bhabha, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. Cap. 3, A Outra Questão: O Estereótipo, a Discriminação e o Discurso do Colonialismo.
- Becker, Heike. A concise history of gender, “traditional” and the State in Namibia. In: Keulder, Christiaan. *State, society and democracy: a reader in Namibian politics*. Konrad Adenauer Stiftung, 2010, p. 171-199.
- Becker, Heike. Making Tradition: A historical perspective on Gender in Namibia. In: LaFont Suzanne; Hubbard, Dianne. (ed.). *Unravelling Taboos: gender and sexuality in Namibia.*, 2007, Cap. 2.
- Berat, Lynn. 1993. “Genocide: the Namibian case against Germany.” *Pace International Law Review* 165, no. 5: 165-210. <https://doi.org/10.58948/2331-3536.1119>.
- Bleys, Rudi C. 1995. “The Pre-Enlightenment Legacy.” In *The Geography of Perversion*, 17-63. Nova York: NYU Press.
- Butler, Judith. 1997. “Against Proper Objects.” In *Feminism Meets Queer Theory*, editado por Elizabeth Weed e Naomi Schor, 1-31. Bloomington: Indiana University Press.
- Butler, Judith. 2003. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Conner, Randy P., e David Hatfield Sparks. 2004. “Sources.” In *Queering Creole Spiritual Traditions: Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Participation in African-Inspired Traditions in the America*, 19-50. Binghampton: Harrington Park Press.
- Correa, Sílvio Marcus de Souza. 2011. “História, memória e comemorações: em torno do genocídio e do passado colonial no sudoeste africano.” *Revista Brasileira de História* 31, no. 61: 85-103, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882011000100005>.





- Currier, Ashley. 2011. “Decolonizing the Law: LGBT organizing in Namibia and South Africa.” *Studies in Law, Politics, and Society* 54: 17-44. [https://doi.org/10.1108/S1059-4337\(2011\)0000054005](https://doi.org/10.1108/S1059-4337(2011)0000054005).
- Dedering, Tilman. 2009. “Petitioning Geneva: Transnational Aspects of Protest and Resistance in South West Africa/Namibia after the First World War.” *Journal of Southern African Studies* 35, no. 4: 785-801. <https://doi.org/10.1080/03057070903313160>.
- Erichsen, Casper, e David Olusoga. 2010. *The Kaiser’s Holocaust: Germany’s Forgotten Genocide and the Colonial Roots of Nazism*. Londres: Faber & Faber.
- Foucault, Michel. 1978. *The History of Sexuality: An Introduction*. Nova York: Pantheon Books.
- Gargallo, Eduard. 2010. “Beyond Black and White: Ethnicity and Land Reform in Namibia.” *Politique Africaine* 120, no. 4: 153-173. <https://doi.org/10.3917/polaf.120.0153>.
- Growup – Geographical Research on War, United Platform. 2023. “Namibia.” *Growup – Geographical Research on War, United Platform*. 24 de outubro de 2023, <https://growup.ethz.ch/atlas/Namibia>.
- Haan, Marjolein de. 2005. “Namibians?: Identity and nation building in Namibia.” Tese de Mestrado. Universidade de Gronigen.
- Harris, Christian. 2014. “Reparations under international law: a case study of the Herero and Nama claims for reparations for genocide committed by the German government.” Tese de Doutorado. Universidade da Namíbia.
- Hartmann, Wolfram. 2006. “Early Dutch-Namibian encounters.” In *Namibia and the Netherlands: 350 Years of Relations*, editado por Huub Hendrix, 9-20. Windhoek: Embassy of the Kingdom of the Netherlands.
- Idowu, Stephen Babatunde. 2000. “Namibia from colonisation to statehood: The Paradoxical Relationship between Law and Power in International Society.” Dissertação de Doutorado. London School of Economics.
- Irlé, Johann. 1906. *Die Herero: Ein Beitrag Zur Landes Volks Und Missionskunde*. Gütersloh: C. Bertelsmann.
- Jacob, Jana, e Gottfried Grobbelaar. 2019. “Onshore and Nearshore Diamond Mining on the South-Western Coast of Namibia: Recent Activities and Future Exploration Techniques.” *The Journal of Gemmology* 36, no. 6: 524-532. <http://doi.org/10.15506/JoG.2019.36.6.524>.
- Joeden-Forgey, Elisa. 2021. “Gender, sexual violence, and the Herero genocide.” In *The Routledge Companion to Sexuality and Colonialism*, editado por Chelsea Schields e Dagmar Herzog, 316-326. Londres: Routledge.
- Kalbing, Nikki. 2014. “A Matter of Life and Death: Criminal Law and the Death Penalty in South West Africa (SWA) under South African Rule, 1915–1939.” *South African Historical Journal* 66, no. 2: 249-269. <https://doi.org/10.1080/02582473.2014.906495>.





- Karsch-Haack, Ferdinand. 1911. *Das gleichgeschlechtliche Leben der Naturvölker*. Munique: Ernst Reinhardt.
- Katjavivi, Peter H. 1990. "The South African Take-Over and the League of Nations Mandate." In *A History of Resistance in Namibia*, 13-16. New Jersey: Africa World Press.
- Kirby, Percival R. 2023. "A Secret Musical Instrument: the Ekola of the Ovakuanyama of Ovamboland." *South African Journal of Science* v. 38: 345-351. https://journals.co.za/doi/pdf/10.10520/AJA00382353_8341.
- Kolb, Peter. 1719. *Caput Bonae Spei hodiernum*. Nürnberg: Monath.
- Kössler, Reinhart e Henning Melber. 2004. "The Colonial Genocide in Namibia: Consequences for a Memory Culture Today From a German Perspective." *Ufahamu: A Journal of African Studies* 30, no. 2-3: 17-31. <https://doi.org/10.5070/F7302-3016530>.
- LaFont, Suzanne. An Overview of Gender and Sexuality in Namibia. In: LaFont Suzanne; Hubbard, Dianne. (ed.). *Unravelling Taboos: gender and sexuality in Namibia*, 2007, Cap. 1.
- Law Reform and Development Commission. 2020. *Report on the abolishment of the Common Law offences of Sodomy and Unnatural Sexual Offences*. Windhoek: Law Reform and Development Commission.
- Loeb, Edwin M. 1955. "Kuanyama Ambo Magic." *The Journal of American Folklore* 68, no. 268: 153-168. <https://doi.org/10.2307/537250>.
- Loeb, Edwin M. 1948. "Transition rites of the Kuanyama Ambo (a preliminary study)." *African Studies* v. 7, no. 1: 16-28. <https://doi.org/10.1080/00020184808706750>.
- Lorway, Robert. 2014. Subjectivity as a Political Territory. In *Namibia's Rainbow Project: Gay Rights in an African Nation*, 30-63. Bloomington: Indiana University Press.
- Lugones, María. 2007. "Heterosexuality and the Colonial/Modern Gender System." *Hypatia* 22, no. 1: 186-208. <https://www.jstor.org/stable/4640051>.
- Madley, Benjamin. 2005. "From Africa to Auschwitz: How German South West Africa Incubated Ideas and Methods Adopted and Developed by the Nazis in Eastern Europe." *European History Quarterly* 35, no. 3: 429-464. <https://doi.org/10.1177/0265691405054218>.
- Miguel, Francisco. *Mariyarápáxis: Silêncio, exogenia e tolerância nos processos de institucionalização das homossexualidades masculinas no sul de Moçambique*. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- Murray, Stephen O. "Homosexuality in "Traditional" Sub-Saharan Africa and Contemporary South Africa." *Le Seminaire Gai*, n.d. http://semgai.free.fr/contenu/textes/Murray/Murray_depart.html.
- Murray, Stephen O. e Will Roscoe. 1998. "Boy-Wives and Female Husbands: Studies". In *African Homosexualities*. Nova York: Palgrave.





- Pini, André Mendes. 2014. “A descolonização da Namíbia: as negociações diplomáticas multilaterais e a guerra de independência.” Tese de Mestrado. Universidade de Brasília.
- Rao, Rahul. 2012. “On ‘gay conditionality’, imperial power and queer liberation.” *Kafil*, acessado em 20 de agosto de 2023. <https://kafila.online/2012/01/01/on-gay-conditionality-imperial-power-and-queer-liberation-rahul-rao/>.
- Rao, Rahul. 2020. *Out of Time: The Queer Politics of Postcoloniality*. Nova York: Oxford University Press.
- Raum, Johannes W. 1997. “Reflections on rereading Peter Kolb with regard to the cultural heritage of the Khoisan.” *Kronos*, no. 24: 30-40. <https://www.jstor.org/stable/41056386>.
- Rautanen, Martti. 1903. Die Ondonga. In *Rechtsverhältnisse von eingeborenen Völkern in Afrika und Ozeanien*, editado S. R. Steinmetz, 326-346. Berlin: Springer-Verlag.
- Reader, John. 1998. “Rebellion.” In *Africa: a biography of the continent*, 686-704. Penguin: Londres.
- Schultze, Leonard. 1907. *Aus Namaland und Kalahari*. Jena: Gustav Fischer.
- Stell, Gerald. 2014. “Social identities in post-Apartheid intergroup communication patterns: linguistic evidence of an emergent nonwhite pan-ethnicity in Namibia?” *International Journal of the Sociology of Language* 2014, n. 230: 91-114. <https://doi.org/10.1515/ijsl-2014-0028>.
- Stryker, Susan. 2008. *Transgender History*. Berkeley: Persesus Books Group.
- Talavera, Philippe. Past and present practices: sexual development in Namibia. In: LaFont Suzanne; Hubbard, Dianne. (ed.). *Unravelling Taboos: gender and sexuality in Namibia*, 2007, Cap. 3.
- Tamale, Sylvia. 2011. *African Sexuality: A Reader*. Istambul: Pambazuka Press.
- Wallace, Marion. 2011. *History of Namibia: From the Beginning to 1990*. Nova York: Oxford University Press.
- Weber, Cynthia. 2016. “Queer Intellectual Curiosity as IR Method.” *International Studies Quarterly* 60, no. 1: 11-23. <https://doi.org/10.1111/isqu.12212>.
- Weigend, Guido G. 1985. “German Settlement Patterns in Namibia.” *Geographical Review* 75, no. 2: 156-169. <https://doi.org/10.2307/214466>.

